



Disputas na construção do conhecimento da agroecologia: a práxis de educadoras-pesquisadoras da educação do campo

Disputes in the construction of agroecology knowledge: the praxis of peasant education educators-researchers

SOUZA, Cleide Maria de¹; MOREIRA, Joice Marielle da Costa²; LUCENA, Maria Lucimar Matos de³; MELO, Nara Lopes de⁴

¹Universidade de Brasília, cleide.educa.fsa@gmail.com; ²Universidade de Brasília, joice.marielle@live.com; ³Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, luasolmar2008@hotmail.com; ⁴Secretaria Municipal de Educação de Balsas – MA, narah01@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: A Agroecologia, campo do saber em disputa por concepções, vem sofrendo tentativas de cooptação pelo sistema capitalista, que visa transformá-la em ferramenta para acumulação de capital. Os conhecimentos em Agroecologia construídos a partir da concepção da Educação do Campo constituem importantes estratégias de enfrentamento à lógica mercadológica de cooptação da agroecologia e da exploração da classe trabalhadora. Para que o enfrentamento seja efetivo, é necessário que os saberes historicamente construídos pelos sujeitos sejam efetivamente compreendidos como conhecimento, a partir de suas cosmovisões e compondo as epistemologias da Agroecologia. Assim, a Agroecologia continuará se efetivando enquanto ciência, luta e prática, em um movimento de práxis transformadora.

Palavras-chave: escola do campo; cooptação da agroecologia; cosmovisões; práxis transformadora.

Introdução

A construção do conhecimento da Agroecologia é uma questão permeada por tensões e disputas. Ao se colocar como um campo aberto à diversidade de fundamentos teóricos, filosóficos e metodológicos, a Agroecologia se fortalece como estratégia política, por pautas de lutas sociais que passa a contemplar, consolidando-se para além de uma matriz produtiva, uma forma de garantir unidade na diversidade de conhecimentos em defesa da classe trabalhadora.

Entretanto, a Agroecologia vem, dentro de um processo histórico, sendo cooptada pelo sistema capitalista, que a vislumbra como uma chave para superar suas crises, como campo estratégico para criar novas oportunidades de acumular capital. O processo de cooptação pode ser percebido no monopólio de orgânicos, no controle da produção e na oferta de bioinsumos, dentre outros mecanismos.

O conhecimento da Agroecologia construído em aliança com os princípios da Educação do Campo tem sido estratégia de resistência às investidas do capital. A partir do compromisso com a práxis transformadora, são constituídos processos formativos que buscam desvelar contradições e relações que expropriam a cultura



camponesa e oprimem a classe trabalhadora. Nessa perspectiva, buscamos analisar as disputas e possibilidades da construção do conhecimento da Agroecologia a partir do referencial teórico e metodológico da Educação do Campo.

Metodologia

No presente texto, assumimos como instrumento de estudo o Materialismo Histórico-Dialético, método desenvolvido por Marx para captar a essência de seu objeto, levando em conta a não neutralidade do sujeito da pesquisa. O conhecimento teórico tem como instância de verificação da verdade a prática social e histórica (NETTO, 2011). Busca-se apreender relações e contradições que permeiam a construção do conhecimento da Agroecologia. A partir de uma revisão crítica do referencial bibliográfico, apresentamos problemas concretos que dialogam com o objeto. No papel de educadoras que vivenciam tanto a realidade de Escolas do Campo como de Assentamentos da Reforma Agrária em diferentes territórios do Distrito Federal, pretendemos explicitar análises que contribuam para desvelar a aparência ou forma como se mostra o objeto, procurando compreendê-lo em sua essência, em sua forma processual e dinâmica.

Para esta proposta de estudo, foram pesquisados autores/as que tratam das disputas que envolvem a construção do conhecimento da Agroecologia, em específico aqueles que analisam a matriz formativa da Educação do Campo como forma de resistência ao capital no campo e na educação (CALDART, 2021; CALDART, 2019; GIRALDO e ROSSET, 2017).

A metodologia adotada foi a revisão narrativa de literatura. A utilização desta metodologia pode contribuir positivamente para estudos na área da Agroecologia devido a seu potencial de atualização e sistematização do conhecimento disponível, pois coloca em evidência as ideias, métodos e temáticas em voga em determinada área de estudo (TOLEDO e RODRIGUES, 2017). Como a Agroecologia é uma epistemologia ainda em processo de construção e consolidação, a revisão narrativa de literatura pode contribuir positivamente na contínua atualização dos conhecimentos produzidos.

Resultados e Discussão

Na última década a crescente repercussão dos modos de produção agroecológica desenvolvidos por indígenas, camponeses, entre outros povos distribuídos pelo mundo tem despertado a atenção da agricultura capitalista em contexto internacional. A Agroecologia emerge apresentando alternativas frente aos problemas do clima e esgotamento dos bens da natureza, enquanto o modelo do agronegócio tem explorado a natureza e os seres humanos de forma desmedida.

Nesse caso, cooptar a Agroecologia é uma forma de mascarar as nítidas consequências, entre elas o esgotamento da água, devido à excessiva irrigação, à contaminação do solo e da água pela mineração e uso extensivo de agrotóxicos. Tal



destruição que se justifica na necessidade de alimentar a população e esconde a necessidade sempre maior de acumulação e lucro. Há uma evidente tentativa de "colonizar" a Agroecologia, destituindo-a de seu conteúdo político (GIRALDO e ROSSET, 2017 p. 1).

Frente a esse cenário, Giraldo e Rosset (2017) alertam para a existência de duas concepções radicalmente distintas da Agroecologia. De um lado, há uma abordagem que a considera puramente técnica, científica e institucional, desprovida de seu caráter político. Por outro, existe a Agroecologia do povo, profundamente política e defensora da justiça distributiva no sistema alimentar.

A nova submissão, apontada por Giraldo e Rosset (2017 p.13) como “Revolução Verde disfarçada” ocorre pela inclusão dos/das camponeses/as aos espaços de acumulação abertos pelo capital, que captando crédito para empresas, disponibilizam as mercadorias aliada ao microcrédito para fomentar a compra, o que gera o endividamento dos/das agricultores/as. Dessa forma, no lugar do conhecimento de práticas milenares e domínio de técnicas, ocorre a dependência de bioinsumos (sementes orgânicas certificadas, fertilizantes orgânicos, biopesticidas, biofertilizantes). Ao contrário de trocas horizontais e acessíveis, são oferecidos como mercadorias conhecimentos via cursos, materiais e serviços agroecológicos. E entre outros processos, ocorre a substituição de estratégias locais de comercialização por ações que estimulam a adesão à monocultura de orgânicos tipo exportação (GIRALDO e ROSSET, 2017), provocando uma nova forma de exploração do trabalho camponês.

No enfrentamento dessa iminente cooptação e na defesa da Agroecologia do povo, a aliança com a Educação do Campo representa resistência ativa necessária. Ambas se originam no trabalho e na cultura camponesa, na diversidade dos sujeitos e da natureza, na defesa dos territórios (CALDART, 2021). As Escolas do Campo que se afirmam como espaço do diálogo e constroem suas propostas com os sujeitos, assumindo as contradições da prática social, a cultura, o trabalho, a memória, as lutas como ponto de partida na produção do conhecimento, são capazes de desenvolver a práxis transformadora (FREIRE, 1987).

Somente seguindo nessa direção é que as escolas, deixam de ser apenas *no* campo, para ser *do* campo (CALDART, 2004) e se apropriam dos princípios para formação de sujeitos na dimensão ética, política e estética. Para além de conhecimentos científicos, técnicas eficientes para cultivar a terra em harmonia com a natureza, criam processos educativos transformadores da realidade. Comprometidas com a materialidade da vida no campo, com a atualidade local e global, as Escolas do Campo com essas características trazem, em suas práxis, caminhos para o trabalho coletivo que contrapõem posturas individualistas, preconceituosas e exploratórias.

Nesse sentido, é fundamental ter a clareza de que, se por um lado os sujeitos sociais da Agroecologia têm cosmovisões que carregam o acúmulo histórico de



conhecimentos agroecológicos e os princípios que os regem, por outro lado o pensamento dominante também possui suas cosmovisões. Ao reforçar continuamente a ideia de que as cosmovisões dominantes compõem o estado normal das coisas, em um processo de ocultamento ideológico, o pensamento hegemônico se perpetua como verdade absoluta (BARRIENTOS, 2021), se mantendo no centro do poder.

A cosmovisão dominante não considera como legítimos os saberes produzidos fora da lógica positivista, que legitima somente os conhecimentos baseados na razão, em provas, dados e experimentos, dentro de determinado método, que são utilizados para reforçar o mito de superioridade do pensamento hegemônico e inferioridade dos demais pensamentos. Portanto, é fundamental que os saberes populares sejam compreendidos como fontes legítimas de conhecimento dentro do processo de construção epistemológica da Agroecologia, de modo a enfrentar o mito da superioridade hegemônica e se estabelecer como conhecimento válido, sendo também legitimado como ciência (BARRIENTOS, 2021).

Nesse processo, a Educação do Campo se constitui não apenas como espaço e tempo de resistência contra o avanço das práticas nocivas do capital no campo, mas se afirma como possibilidade de que os conhecimentos populares das comunidades, portanto cosmovisões camponesas, sejam legitimados, inclusive resgatando práticas culturais e relações sociais que fundamentam a Agroecologia como Ciência-Luta-Prática, possibilitando a transformação dos modos de ser e conhecer, de forma que “as práticas e as lutas orientam a produção da ciência; a ciência fundamenta as lutas e reorienta práticas” (CALDART, 2019 p. 5).

A Agroecologia se insere na proposta da Educação do Campo como práxis transformadora, tornando-se assim, reflexão e ação dos sujeitos sobre o mundo para transformá-lo, caminho para a superação da contradição opressor-oprimido (FREIRE, 1987 p. 21). A Educação do Campo tem suas estratégias de resistência constituídas nos modos de lutar e ao mesmo tempo é expressão dessa luta (CALDART, 2021).

Nas metodologias que a integram, confere uma possibilidade de construção do conhecimento da Agroecologia que não se descola da luta social camponesa, e assim ajuda a vincular ciência e modos de vida pautados em memórias e culturas ancestrais (CALDART, 2021 P. 357). Ao definir as matrizes Terra, Trabalho e Agroecologia como base para a construção de seus processos formativos, as Escolas do Campo propõem um projeto político-pedagógico contra-hegemônico à lógica do capital. Essa resistência se fundamenta na compreensão da Terra como espaço de construção da vida, nas relações conscientes entre o ser humano e a natureza; no Trabalho como princípio educativo (PISTRAK, 2018) e na Agroecologia como projeto educativo emancipatório (CALDART, 2019), possibilitando a essas Unidades Escolares contribuírem para a superação da concepção mercadológica do agronegócio no campo.



No compromisso com esses princípios é que se pode exercer uma práxis concretamente transformadora. Esse caminho tem sido trilhado em diversos espaços por uma enorme diversidade de sujeitos coletivos, que historicamente tem produzido o repertório de práxis da Educação do Campo. Algumas dessas práxis podem ser sucintamente mencionadas, como Inventário da Realidade, instrumento que ajuda no estudo e (re)conhecimento das múltiplas dimensões da vida dos sujeitos. E ainda, viabiliza a participação ativa da comunidade no processo educativo desenvolvido nas escolas. Também a Formação em Alternância, que reconhece aspectos para além do processo educativo com viés formal, contempla questões culturais, econômicas, sociais, entre outras singularidades dos distintos sujeitos do Campo, usa como aspecto central o trabalho e o território, propõe uma forma de organizar o processo educativo alternando os tempos e espaços de práxis (HAGE; ANTUNES-ROCHA; MICHELOTTI, 2021).

Essas, entre outras práxis ajudam a questionar o apagamento de práticas milenares e resgatar conhecimentos ancestralmente construídos, consolidando-se como sementes de resistência ao processo de cooptação da Agroecologia do Povo (GIRALDO; ROSSET, 2019). As Escolas do Campo nas áreas da Reforma Agrária aliadas ao protagonismo dos movimentos sociais e sindicais do campo têm trilhado esse caminho, assumindo a Agroecologia como matriz formativa em sua dimensão política. Nessa perspectiva, a escola é tomada como elo central da massificação de um conhecimento agroecológico, que ajuda a enfrentar e superar a exploração do ser humano e da natureza.

Conclusões

Como forma de enfrentamento à lógica mercadológica e capitalista de cooptação da Agroecologia, é necessário que esse conhecimento continue sendo pensado a partir de estratégias que contribuam para sua legitimação enquanto conhecimento dotado de uma epistemologia própria que emerge das cosmovisões camponesas. A construção do conhecimento da Agroecologia do Povo se faz na relação entre a prática dos saberes e fazeres populares e a teoria, em um contínuo movimento de práxis que gera conhecimento científico pautado na realidade imediata e na totalidade social, mantendo seu vínculo com a vida e se reafirmando como estratégia de resistência dos sujeitos coletivos.

Contudo, para cumprir essa tarefa fundamental e defender a Agroecologia do Povo, está posto o desafio permanente das Escolas no/do Campo em se apropriar das práxis transformadoras, resistências da Educação do Campo, a fim de não se deixar confundir pelas estratégias de cooptação impetradas pelo capital, e fundamentalmente ser capaz de desvelar as armadilhas que ameaçam a massificação da verdadeira Agroecologia, que nasce do povo e é do povo.



Referências bibliográficas

BARRIENTOS, Carlos. **Cosmovisões**. In: DIAS, Alexandre Pessoa et al. (Orgs). Dicionário de Agroecologia e Educação. Fiocruz. Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio. São Paulo e Rio de Janeiro: Editora Expressão Popular, 2021.

CALDART, Roseli Salette. **Educação do Campo e Agroecologia**. In: DIAS, Alexandre Pessoa et al. (Orgs). Dicionário de Agroecologia e Educação. Fiocruz. Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio. São Paulo e Rio de Janeiro: Editora Expressão Popular, 2021.

_____. **Agroecologia nas Escolas de Educação Básica: fortalecendo a resistência ativa!** - Reforma Agrária Popular, resistência ativa e trabalho educativo. Texto de exposição, realizada no VIII Encontro Estadual de Educadoras e Educadores de Assentamentos de Reforma Agrária do MST RS. Nova Santa Rita, 30 e 31 de outubro 2019. Mesa: "Reforma Agrária Popular, Agroecologia e Educação". Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/liceducampofaced/wp-content/uploads/2018/06/Agroecologia-Escolas-EB-Exposi%C3%A7%C3%A3o-Roseli-RS-Out19.pdf>> Acesso em junho de 2023.

_____. **Pedagogia do movimento sem-terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

GIRALDO, Omar Felipe; ROSSET, Peter. A agroecologia como território em disputa: entre a institucionalidade e movimentos sociais. **The Journal of Peasant Studies**. Volume 45, 2018 - issue 3. 22 p.

HAGE, Salomão M.; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; MICHELOTTI, Fernando. **Formação em alternância**. In: DIAS, Alexandre Pessoa et al. (Orgs). Dicionário de Agroecologia e Educação. Fiocruz. Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio. São Paulo e Rio de Janeiro: Editora Expressão Popular, 2021.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011 (64p.)

PISTRAK, Moisey M. **Fundamentos da escola do trabalho**. Tradução: Luiz Carlos de Freitas. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018. 288p.

TOLEDO, Juliane Alvarez de; RODRIGUES, Marisa Cosenza. Teoria da mente em adultos: uma revisão narrativa da literatura. **Bol. Acad. Paulista de Psicologia**, São Paulo, Brasil - V. 37, no 92, p. 139-156.